

Dissimulação simpática?



Armando Correa*

Dissimular significa: encobrir, disfarçar, não revelar os sentimentos. Quando ocultamos o que sentimos aos outros, na tentativa de expressar coisa diferente, dissimulamos. Enganamos a fim de atender a algum desejo íntimo, seja para não transparecer um aborrecimento ou pelo interesse em obter certos favores, por exemplo. O fato, contudo, é que não admitimos em nós tal artimanha. Não com esse nome. Assim o fazemos com os outros, pois a eles é fácil imputar o pesado e funesto termo. Sentimo-nos mal em detectar a dissimulação em nós mesmos. Dói. É um ato mentiroso e causa culpa. Incomoda pra valer! Assim, sem a devida percepção, nos autoenganamos, convencendo-nos de que, quando dissimulamos, recorreremos apenas à prática da simpatia. Sob

essa perspectiva, tudo fica diferente. É aceitável socialmente. A sua prática é comum. Persuadimo-nos de que se trata tão somente da simpatia com a qual estimulamos o próximo a ceder frente a uma eventual inflexibilidade.

O que é inadequado ao comportamento alheio passa a ser admissível em si mesmo - com as devidas distorções geradas pelo autoengano. Tudo se adapta melhor, encaixa-se o círculo no quadrado em benefício próprio, e o bem-estar se sobrepõe a qualquer aflição que ousou se manifestar em algum momento. Em razão das necessidades pessoais, somos capazes de disfarçar o tom de voz a fim de conseguir o que queremos. Comumente, podemos ser secos, indiferentes ou até respondões com as pessoas, conhecidas ou não. No entanto, ao menor sinal de uma “dor de barriga”, rapidamente mudamos o jeito de ser, disfarçando (perdão, sendo simpáticos) qualquer aspecto que venha a prejudicar o favor em mira, que poderá ser retribuído oportunamente (só Deus sabe!).

Transformamo-nos rápida e convenientemente: da cara fechada ao sorriso; das poucas palavras ao intenso bate-papo; do desprezo à bajulação; da má vontade de se saudar com um breve aceno ao abraço apertado e cheio de esfregões nas costas; da falta de cortesia ao rapapé desmedido; enfim, da água

ao vinho, ou ao que for necessário conforme o ritmo estabelecido pela música da conveniência. Dissimulação simpática?

Porquanto, se analisarmos profundamente, com a seriedade de quem se permite alcançar a verdade mais íntima, veremos claramente quão enganadores nós somos quando pretendemos atingir os nossos objetivos. Porém, vale destacar que não se faz tal reflexão sem que se compreenda a sua importante finalidade: o autoconhecimento. Quanto mais nos conhecemos (desconhecemo-nos muito!), tanto melhor se torna a compreensão de que não é fundamental agir teatralmente nas relações sociais, e que, ao contrário do que se crê, as pessoas admiram aquele que possui um bem que a elas falta, embora, a princípio, elas possam não gostar do incômodo existente nos fatos desprovidos de maquiagem.

Mais: é valoroso perceber em si mesmo uma personalidade marcada pela honestidade. Lembremos: o respeito e a consideração que tanto buscamos não estão na superfície das águas escuras da convivência humana, mas nas profundezas do convívio mais natural e transparente. ■

*Psicólogo, professor e mestre em Liderança

selfcursos@uol.com.br